

# Santuário defende vida silvestre do DF

Zoológico abriga projeto de preservação da fauna e flora típicas do cerrado

DENISE OLIVEIRA  
Da Editora de Cidade

entre o Plano Piloto e o Aeroporto.

## PROPAGANDA

Na opinião da presidente da Funatura, Maria Tereza Jorge de Pádua, os empresários deverão responder bem à iniciativa, já que o custo de implantação do projeto de manejo será baixo. "além do que os empresários terão a melhor propaganda para a empresa: a de que estão contribuindo com a preservação da natureza". Maria Tereza lembra que o sistema de captação de recursos para áreas ecológicas funciona em muitos países: "Por que não dará certo no Brasil?"

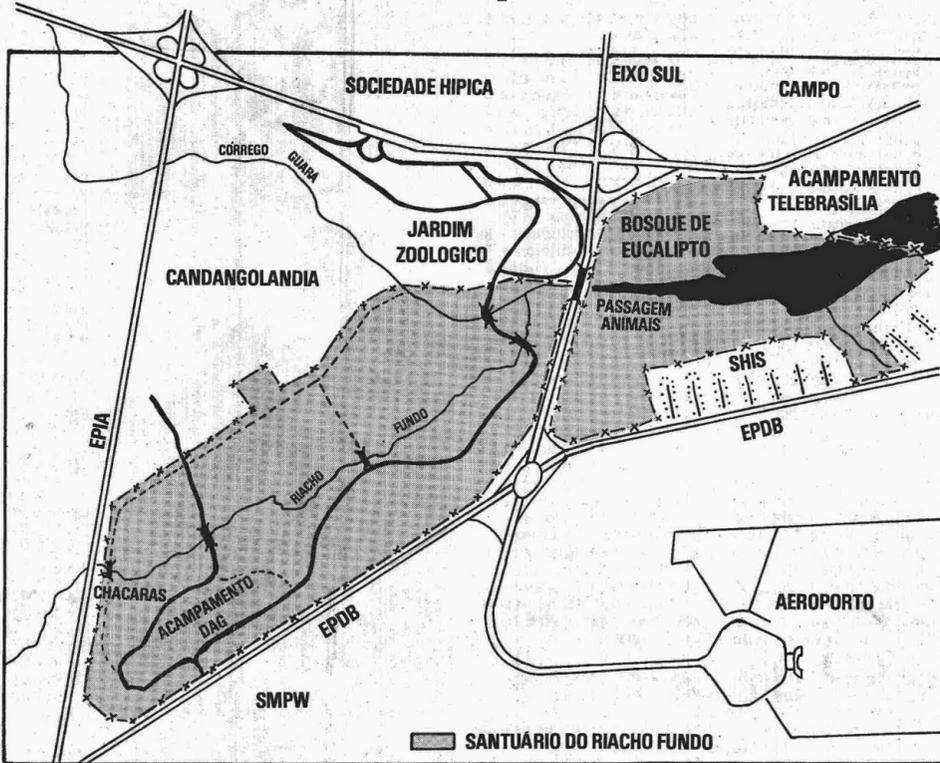
## PROJETO

A proposta de criação do santuário silvestre foi do ecólogo Bráulio Dias, professor da Universidade de Brasília. A unidade de conservação, no entanto, surgiu através de projeto desenvolvido pela Funatura, que visava selecionar, em um prazo de dois anos, 20 áreas para implantação de santuários silvestres. A área de 400 hectares, englobando o curso final e o estuário do Riacho Fundo, recebeu a primeira indicação por ainda contar com espécies raras e endêmicas, servir de território para re-

produção de animais do Zoológico, como capivaras e emas, além de estar dentro da cidade.

O projeto da Funatura de propor santuários de vida silvestre em todo Brasil continua, mas a oficialização do santuário do Riacho Fundo, depois de seis meses de indicado, deu ânimo aos executores do projeto. Segundo Cilúlia Maria Maury, coordenadora do projeto Santuário de Vida Silvestre, os primeiros passos para implantação do projeto de manejo serão a retirada de pessoas instaladas irregularmente na área, a tentativa de, em conjunto com a Secretaria de Meio Ambiente (Semat) e a longo prazo, promover a despoluição do riacho, recuperar, a vegetação devastada e desenvolver um projeto de educação ambiental.

A Fundação Pró-Natureza surgiu em julho de 1986 e tem como principal objetivo contribuir com a conservação dos recursos naturais renováveis em todas as regiões do País. A entidade não-governamental e sem fins lucrativos é sediada em Brasília e foi criada por 69 profissionais ligados à área de ecologia.



## Fundação pede apoio da população

O Santuário de Vida Silvestre Riacho Fundo será implantado na área do Jardim Zoológico, que engloba o curso final do Riacho Fundo e está toda cercada por alambrados. A segunda área do santuário é o bosque de eucaliptos existente na margem esquerda da via que liga o Plano Piloto ao aeroporto. Ali fica o estuário do Riacho Fundo, que serve de dormitório para garças e biguás, além de ser ponto de parada de aves migratórias de outros países.

Assim como em outras áreas de preservação ecológica existentes em Brasília, o Santuário de Vida Silvestre sofre com problemas de poluição, principalmente das águas do Riacho Fundo, e de ocupação irregular de terras. Ao longo da Estrada — Parque Indústria e Abastecimento (EPIA) existem várias

chácaras entre a via e o limite do santuário. Elas serão mantidas, sendo que a Funatura pretende fazer um trabalho de conscientização dos moradores sobre a importância do santuário, engajando-os na vigilância da área.

As chácaras próximas ao estuário são irregulares e por estarem bem dentro da área de preservação terão de ser removidas. Alguns invasores também se instalaram no interior do parque, mas precisarão deixar o local. A Funatura pesquisará o número de moradores na área, em conjunto com a Secretaria de Serviços Sociais. A ação de caçadores e pescadores também é comum e sofrerá repressão para que se preserve as espécies existentes.

A fiscalização do Santuário de Vida Silvestre envolverá a Fundação Zoobotânica e o próprio Zoológico.

A Funatura pretende recuperar algumas trilhas na mata e a estrada que circunda o santuário, para serem utilizadas pelos visitantes e equipe de fiscalização. Os 400 hectares destinados ao santuário são o que resta da área total do Zoológico, que teve cerca de 200 hectares destinados à Candangolândia e ao Guarazinho.

Conforme o chefe do serviço de zoológico do Jardim Zoológico, Raimundo Davíd Monteiro, a transformação da área em santuário foi recebida "com muita alegria" pelos funcionários do Zôo. "Só assim não correremos o risco de perder mais alguma parte". Ele ressalta que os animais que costumam utilizar a mata ciliar do Riacho Fundo, como cotias e macacos, estarão mais protegidos: "A ideia é muito boa e beneficiará a todos".

## UnB planeja novo museu de zoologia

A Universidade de Brasília ganhará um museu até o final do próximo ano. A proposta é do Laboratório de Zoologia e recebeu aprovação, na última sexta-feira, pelo Conselho de Pesquisa e Ensino da universidade. O museu abrigará o acervo científico existente e servirá também como elo entre a UnB e a comunidade.

Somente o Laboratório de Zoologia armazena hoje mais de 20 mil exemplares de animais de pequeno e grande porte guardados em condições precárias, já que na sala não há controle de temperatura, umidade e luz. As más condições ameaçam coleções valiosas de espécies típicas do cerrado. O mesmo ocorre no herbário, que tem um grande acervo de plantas guardadas precariamente. Com a construção do museu, o único exemplar existente do *Juceliniomys candango*, típico da região, poderá ser transferido para Brasília.

O Instituto de Biologia e o de Ciências Exatas, a Faculdade de Tecnologia e a Faculdade de Saúde indicarão um representante para formação da comissão que dará continuidade à ideia. Dentro de 60 dias deve ser apresentado projeto de localização do museu no campus, plantas arquitetônicas e todo o levantamento do acervo. Os convênios internacionais para formação do corpo de curadores do museu deverá ser feito através do CNPq, enquanto os recursos para as obras deverão vir do Banco do Brasil.

## Área reúne espécies ameaçadas de extinção

A importância de manter intactos o curso final e o estuário do Riacho Fundo vai muito além da preservação da área do Jardim Zoológico. As características do local são únicas, com um grande número de pequenas lagoas, charcos, brejos, canais, praias de lama, campos alagados e matas densas. A grande diversidade de ecossistemas propicia também a existência dos mais variados tipos de animais e plantas, como é o caso de orquídeas raras e do peixe pirá-brasil, endêmico do DF, nas áreas inundadas que circundam a mata ciliar do córrego.

As orquídeas aparecem principalmente nos campos úmidos, sendo que mais de 10 espécies diferentes foram identificadas, dentre elas uma até então jamais encontrada no Distrito Federal. Segundo a coordenadora do projeto Santuário de Vida Silvestre da Funatura, Cilúlia Maria Maury, "as orquídeas terrestres são típicas de campos úmidos e estão se tornando raras no Brasil devido à drenagem dos campos para utilização na agricultura".

Nos brejos do Santuário Silvestre também coletaram-se outras espécies da flora típica do cerrado, raramente encontradas nas demais áreas do Distrito Federal. É o caso do *Cedrella odorata*, o cedro do brejo, descrito



Eduardo Kunze

pelo engenheiro agrônomo Ezequias Heringer. Outra planta que aparece com frequência no santuário é a *equisetum gugantheus*, uma espécie primitiva, remanescente de todo um grupo de plantas já extinto. A *equisetum* também é típica dos brejos e está desaparecendo devido à drenagem.

Um peixe típico do Distrito Federal e também ameaçado de extinção sobrevive nos brejos do santuário. É o pirá-brasil ou *simpsonichthys boitoni*. O pirá-brasil surgiu no chamado Brejo da Curva da Morte, próximo à EPIA, e é típico da região já estudada tanto no aspecto de fauna quanto de flora. A invasão no local e a devastação das matas têm alterado o ecossistema e colocado

em risco a sobrevivência do pirá-brasil.

Segundo o ecólogo Eduardo Kunze Bastos, o pirá-brasil "é um peixe anual e seu comprimento varia de 4 a 5 centímetros". Durante o período da seca, explica, os ovos ficam enterrados na lama do brejo, em pequenas poças de água que secam à medida que o clima seco se intensifica. Os ovos acabam ficando expostos e eclodem com as primeiras chuvas.

O peixe adulto só é encontrado no período chuvoso quando volta a depositar os ovos na lama, começando o ciclo. Há muitas diferenças entre o pirá-brasil macho e fêmea, o que leva o observador a pensar que são tipos diversos de peixe. O macho apresenta cor violeta com reflexos metálicos, enquanto a fêmea é pardacenta e possui nadadeiras menores.

O pirá-brasil não é oficialmente declarado como ameaçado de extinção, mas a drenagem dos brejos do DF altera o ciclo de reprodução da espécie, colocando-a em risco. Conforme Eduardo Kunze Bastos, ocorreram sérias alterações na vegetação da área da Curva da Morte, o que possivelmente atingiu a fauna: "Com um plano de manejo é possível recuperar a área. O processo é de longo prazo e há coisas que são irreparáveis, como o brejo".

## Devastação expulsou rato raro

A mata ciliar do Riacho Fundo abriga alguns mistérios. Um deles é o ratinho *Juceliniomys candango*, descrito por João Moojen, pesquisador que veio a Brasília por volta de 1958 para ser o primeiro secretário da Agricultura. O nome representa uma homenagem ao ex-presidente Juscelino Kubitschek e aos candangos que construíram Brasília. O folclore, no entanto, diz que o então Presidente não gostou da homenagem, o que pode ser considerado como mais um preconceito contra os roedores. O ratinho desapareceu da área e o único exemplar existente está exposto no Museu Nacional, no Rio de Janeiro.

A espécie nova de roedor descoberta por João Moojen despertou a curiosidade de outros pesquisadores, que queriam estudá-lo. Recentemente um especialista americano passou mais de um mês na cidade, sempre envolvido em buscas ao ratinho, mas não obteve sucesso. Segundo o professor de Ecologia da Universidade de Brasília, Cleber Alho, o desaparecimento do *Juceliniomys*, provavelmente se deve à devastação intensa da mata ciliar.

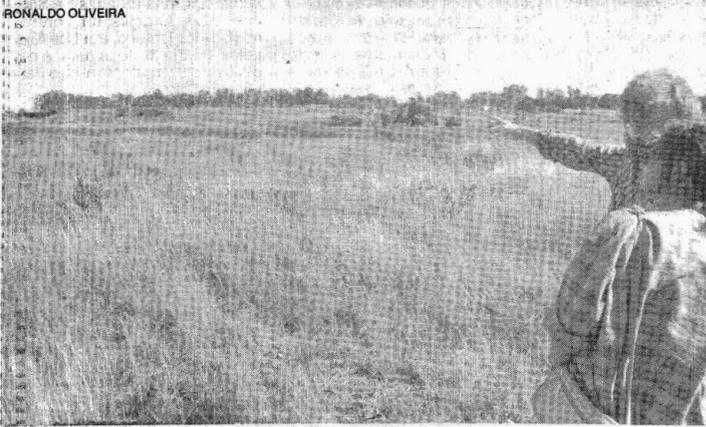
O que se sabe de *Juceliniomys candango* é que é um animal silvestre, de olho pequeno e quase fechado porque vive debaixo de folhas, nas bordas da mata ciliar. Ele não tem boa visão devido ao hábito de viver em lugares escuros, apresenta tato desenvolvido e rabo curto e possante para remover entulhos. *Juceliniomys* é um animal fossorial e se alimenta principalmente de insetos e larvas.

Conforme Cleber Alho, o ratinho ocupava um nicho ecológico muito típico e que hoje, com a devastação, é muito raro. "É possível que ele ainda exista, mas com a degradação ambiental é difícil de se encontrar", diz. Ele explica que há mais de 20 espécies típicas de pequenos roedores que só ocorrem no cerrado. O *Juceliniomys* se parece com outro rato silvestre chamado *oxymycterus roberti*, encontrado com mais facilidade.

O professor lembra que os roedores são importantes ecologicamente porque servem de alimento a outros animais, sendo que algumas espécies silvestres têm um grande potencial econômico. Como exemplo, cita os de gênero *Cavia* mais conhecidos como preá ou porquinho-da-índia, que já serviam de alimento aos incas e maias.

Atualmente a população do Peru consome cerca de sete milhões de preás por ano. No Brasil, o potencial econômico do mocó, do gênero *kerodon*, roedor típico do Nordeste, é muito grande, assim como o da capivara, cotia e paca, roedores de grande porte.

O preconceito contra os roedores silvestres deve-se à existência da ratazana. Cleber Alho explica que a ratazana, "uma praga mundial", foi introduzida no Brasil nas primeiras expedições.



Técnicos mostram a área de 400 hectares, escolhida para a experiência pioneira

## Seminário faz apologia do meio ambiente

O Serviço de Saúde Comunitária da Universidade de Brasília quer mostrar à comunidade que preservar o meio ambiente é muito mais que evitar a morte de animais e plantas. Para isso, vai realizar nos dias 20, 21 e 22 deste mês, sempre das 14h30 às 18h, no Auditório Dois Candangos, o seminário "Posição da Universidade na Preservação Qualitativa do Ambiente". As inscrições podem ser feitas dia 20, no local do seminário.

A taxa de inscrição para estudantes e funcionários da UnB é de Cz\$ 150 e para quaisquer profissionais, Cz\$ 200. O seminário é uma iniciativa conjunta do Serviço de Saúde, do Departamento de Geografia e do Núcleo de Estudos Ambientais da UnB. Segundo a professora Darci Colares Silveira, chefe do Serviço de Saúde, os debates têm como objetivo despertar o interesse da população pela preservação da qualidade de vida no campo e nas cidades.

## TEMAS

As palestras e debates contarão com a participação de representantes do CNPq, Universidade de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente (Semat/DF) e professores da UnB. Os temas abordarão o uso da natureza pelo homem, a poluição e o controle ambiental, a legislação e o valor da educação ecológica da comunidade. Para a professora Darci, "esta é uma oportunidade para se refletir sobre a preservação qualitativa do meio ambiente em que estamos vivendo".